

MÁRIO DE ANDRADE'S GRAMATIQUINHA AND THE QUESTION OF LANGUAGE IN BRAZILIAN MODERNISM

Resumo

O presente trabalho pretende questionar a posição de Mário de Andrade em relação à especificidade do português brasileiro (PB) através da análise das anotações em textos avulsos conhecidos como *A Gramatiquinha da fala brasileira*, que, recentemente, recebeu uma edição comemorativa do Instituto Guimarães Rosa (Fundação Alexandre de Gusmão, 2022), organizada por Aline Novais de Almeida.

A partir desse pressuposto, tentaremos delinear a reação do autor ao uso exclusivo, até então vigente, do padrão europeu em âmbito literário, evidenciando a tentativa utópica de reduzir a relação diglósica brasileira através do emprego de traços típicos da emergente gramática brasileira na escrita literária, tanto nos diálogos, quanto na narração e descrição.

Palavras-chave

Mário de Andrade, Modernismo Brasileiro, diglossia, português brasileiro, fala brasileira.

Abstract

The present work focuses on the position of Mário de Andrade in relation to the specificity of Brazilian Portuguese (BP) through the analysis of the annotations in *A Gramatiquinha da fala brasileira*, which has recently been published in a commemorative edition edited by Aline Novais de Almeida of the Guimarães Rosa Institute (Alexandre de Gusmão Foundation, 2022).

In order to do this, the analysis describes the author's reaction to the exclusive use of the standard variety of European Portuguese in the literary domain, with particular attention to the utopian attempt to reduce the Brazilian diglossic relationship through the use of typical features of the emerging Brazilian grammar in literary writing, both in dialogues and in narration and description.

Keywords

Mário de Andrade, Brazilian Modernism, diglossia, Brazilian Portuguese, Brazilian speech.

* * *

Referência: De Rosa, G. L. (2022). *A Gramatiquinha* de Mário de Andrade e a questão da língua no Modernismo Brasileiro. *Cultura Latinoamericana*, 36 (2), pp. 310-324 DOI: <http://dx.doi.org/10.14718/CulturaLatinoam.2022.36.2.14>

El presente artículo es resultado de un proceso de investigación desarrollado en la Università degli Studi Roma Tre.

Fecha de recepción: 1 de septiembre de 2022; fecha de aceptación: 30 de septiembre de 2022.

A GRAMATIQUINHA DE MÁRIO DE ANDRADE E A QUESTÃO DA LÍNGUA NO MODERNISMO BRASILEIRO

Gian Luigi De Rosa

Università degli Studi Roma Tre

ORCID: 0000-0001-7938-5203.

gianluigi.derosa@uniroma3.it

DOI: <http://dx.doi.org/10.14718/CulturaLatinoam.2022.36.2.14>

1. Apresentação

As anotações de Mário de Andrade (de agora em diante MA), conhecidas como *A Gramatiquinha da fala brasileira*, guardadas na série Manuscritos Mário de Andrade do IEB da USP (junto com os dossiês de outros títulos inacabados e de obras publicadas), foram publicadas póstumas, em 1990, no volume *A Gramatiquinha de Mário de Andrade: Texto e Contexto*, organizado por Edith Pimentel Pinto e tiveram uma edição genética, em 2013, e uma edição comemorativa do Instituto Guimarães Rosa, em 2022, ambas organizadas por Aline Novais de Almeida. *A Gramatiquinha* é de um projeto escritural, uma obra ainda hoje atual, “um estudo que tenciona compreender os aspectos linguísticos, psicológicos e poéticos da língua portuguesa falada no Brasil” (Almeida, 2022, p. 17).

A partir desse pressuposto, tentaremos delinear a reação do autor ao uso exclusivo do padrão europeu em âmbito literário, até então vigente, evidenciando a tentativa de reduzir a relação diglósica brasileira através da inclusão de traços típicos da emergente gramática brasileira (Tarallo, 1993; Paredes Silva, 2003; Duarte, 2012, 2020; Duarte e Serra, 2015; Duarte, Gomes e Paiva, 2018, 2022) na escrita literária, tanto nos diálogos, quanto na narração e na descrição.



2. A Gramatiquinha

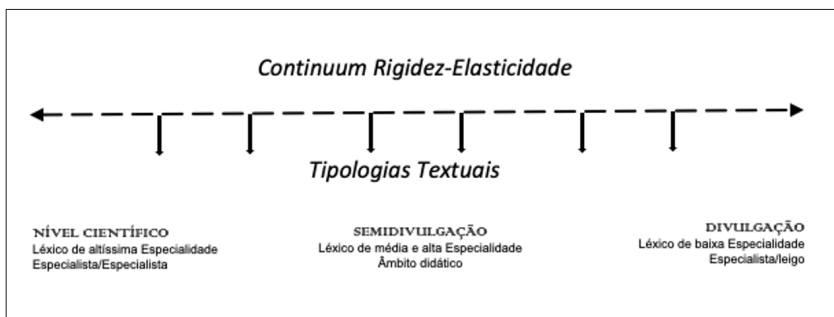
A *Gramatiquinha da fala brasileira* consiste em:

- a) uma caderneta intitulada Língua Brasileira;
- b) 8 envelopes com documentos, rubricados como Gramatiquinha, que apresentam uma disposição alfa-numérica (12-A; 12-B; 12-C; 12-E; 12-F; 12-G; 12-H; 12-I);
 1. *Gramatiquinha/ 12-A/ Documentos Populares* [4 documentos]
 2. *Gramatiquinha/ 12-B/ Artigos Albeios* [4 documentos]
 3. *12-C/ Me parece/ e outras sintaxes* [40 documentos]
 4. *Gramatiquinha/ 12-E/ Não queria não/ A gente.../e outras tendências brasileiras/ locucionais* [21 documentos]
 5. *Gramatiquinha/ 12-F/ Brasileirismos/ vocabulares* [70 documentos]
 6. *Gramatiquinha/ 12-G/ ou Tratado do Estilo/ Ideias para capítulos/ particulares* [25 documentos]
 7. *Gramatiquinha/ 12-H/ Ideias gerais/ sobre língua* [11 documentos]
 8. *Gramatiquinha/ou Tratado de Estilo/Ideias gerais/12-I* [13 documentos]
- c) folhas avulsas, não inseridas nos envelopes.

Essas anotações configuram um projeto que vigorou entre 1924 e 1929 (Pimentel Pinto, 1990, p. 43) e uma ideia escritural num gênero textual híbrido que podemos considerar, na linha de Albonico (1997), como prosa não ficcional. Para podermos analisar a escrita de MA no texto em objeto, utilizaremos o modelo de classificação das tipologias textuais de Francesco Sabatini (1999, 2017), que distingue, ao longo do *continuum* Rigidez-Elasticidade, as tipologias textuais conforme o grau do vínculo interpretativo que o emissor oferece ao destinatário, ou seja, os graus de “rigidez” introduzidos no pacto comunicativo entre emissor e destinatário.



Figura 1. Continuum Rigidez-Elasticidade e Comunicação Científica-Divulgação (Sabatini, 1999, 2017; Sobrero, 1993)



De fato, segundo essa classificação, *A Gramatiquinha* deveria se encaixar numa tipologia textual ‘semirrígida’ com funções textuais argumentativas e expositivas, orientada para o polo da ‘rigidez’.

Na tabela a seguir, será ilustrada a tipologia textual semirrígida, evidenciando a função e os gêneros textuais.

Tabela 1. Os Textos Semirrígidos, segundo Sabatini (1999, 2017).

Tipologia Textual	Função Textual	Gêneros Textuais
	Explicar uma disciplina a quem não a conhece.	Manuais de Estudo.
	Argumentar ideias.	Ensaio de crítica.
Textos Semirrígidos (Vínculo Médio)	Dar conselhos práticos e decomportamentos.	Guias Turísticos.
	Tornar simples conhecimentos complexos.	Textos divulgativos.
	Difundir informações comuns e guardar memórias de fatos, lugares e pessoas.	Artigos de jornais, diários.

Todavia, como essas funções resultam misturadas à função narrativa (a obra é apresentada pelo mesmo autor, em muitas páginas das anotações, como um projeto ficcional), podemos pensar em incluí-la numa tipologia ‘semielástica’; isto é, mais orientada para o polo da ‘elasticidade’¹.

1. Nessa abordagem teórica, o destinatário tem um papel decisivo na definição da natureza do texto através do pacto que o emissor estabelece com o destinatário, intérprete do texto, capaz de



Essa orientação é explicitada de maneira nítida no esboço de introdução do primeiro capítulo da obra, presente na caderneta *Língua Brasileira*, em que o autor afirma claramente que não se trata de uma gramática, mas de um livro de ficção em que ele decanta os seus idílios com a fala brasileira:

Gramatiquinha

Introdução Cap. I Prefácio – Quais as min Livro de ficção (meus idílio com a fala) — Minhas intenções tentando estilização brasileira da fala brasileira desde a pseudo-culta (Explicar diferença que faço entre cultura e civilização) até a inconsciente popular.²

Esse conceito é reforçado no final da página, no mesmo fólio, quando o autor escreve:

Dizer que eu não falo de tudo o que continua na mesma. Salvo si me leva a reflexões íntimas especiais. Este é um livro de ficção e ninguém não apren [-] de gramatica nele, é logico.

Assim como foi planejada e idealizada, a *Gramatiquinha* faz parte de um projeto de redescoberta e definição do Brasil em que a reflexão metalinguística sobre o PB se torna instrumento e não, estritamente, o fim, como confirmam as palavras de Pimentel (1990), quando afirma que a “idealização da Gramatiquinha (...) seria, não uma consolidação completa e rígida dos traços peculiares à norma brasileira, mas um discurso engajado, de implicações lingüísticas e estéticas” (p. 43).

Isso explica também o uso do sufixo “-inha” que, relacionado ao gênero textual gramática, descaracteriza de maneira categórica a tipologia textual da obra andradiana e abre o caminho à ideia de escrita

determinar a estrutura profunda e superficial do texto. O parâmetro fundamental que orienta o comportamento do emissor é dado pela sua intenção de regular e de veicular – de maneira mais ou menos rígida (explícita) – a atividade de interpretação do destinatário. Se o emissor quer que o texto não tenha interpretações diferentes, ele projeta o texto para que nenhuma das suas partes possa ser opaca. O continuum entre os polos de “rigidez” (vínculo máximo) e de “elasticidade” (vínculo mínimo) identifica três grandes categorias de tipos textuais: Rígidos; Semirígidos/Semielásticos; Elásticos, que se distinguem pela presença/ausência de alguns traços lingüísticos ligados a: 1) estrutura geral do texto; 2) coerência lógica; 3) sistema de conectivos de coesão textual (morfo sintáticos, semânticos, prosódicos e sonoros); 4) o emprego de vários tipos de construção da frase; 5) uso da pontuação; 6) aspecto gráfico do texto (Sabatini, 1999, 2017).

2. Esboço de texto, fólio 182.



(pseudo)ficcional que se tornou mais concreta depois de MA ter começado a utilizar como referência a *Grammatica Secundaria da Lingua Portuguesa* de Miguel Said Ali (MA moldará o índice da *Gramatiquinha* em função dessa obra).

De fato, a gramática de Said Ali, que devia se tornar o modelo para seguir, lhe deu consciência do tamanho da obra que tinha pensado realizar, fazendo-lhe compreender as limitações de um projeto linguístico-gramatical desprovido de um aparato teórico-metodológico apropriado.

Antes da Introdução um prefácio pequeno verdadeiramente humilde. Esta é a 1ª vez em que me sinto verdadeiramente tímido ao publicar um livro e incerto sobre a validade deste. É certo que estudei até ~~maneira~~ o possível entre os acasos da minha vida autodidática a língua portuguesa de que deriva em maior parte a nossa maneira de expressão, porém é também certo que esse conhecimento não é suficiente pra eu meter nas altas cavalarias de escrever um livro de linguagem.³

Essa falta terá como consequência uma sensação de inadequação em relação à tipologia do projeto (redação de uma gramática da fala brasileira), que emerge claramente no prefácio acima, presente na caderneta *Língua Brasileira*.

3. Objetivos da *Gramatiquinha*

Como muitos autores (entre os quais Pimentel, 1990, e Leite, 1999) já evidenciaram e como resulta nítido depois da leitura das anotações, o projeto da *Gramatiquinha* tinha um objetivo bem claro: comprovar a existência do PB, pelo menos como variedade oral, para depois normalizar seu uso como variedade ficcional na escrita literária. Por

3. Prefácio, fôlio 4, anverso.



isso era necessário utilizar um gênero híbrido semi- ou pseudo-ficcional que pudesse credenciar o PB como variedade literária dentro do sistema Língua Portuguesa e que pudesse ser usado para evitar o preconceito linguístico através da fachada ficcional.

Uma gramática descritiva dos fenômenos inerentes à fala brasileira escrita por MA logo depois daquilo que foi e significou para o *establishment* brasileiro a “Semana de Arte Moderna”, de 1922, teria simplesmente sustentado uma série de debates e ataques polêmicos que teriam, com certeza, tirado a atenção do seu conteúdo sem focar minimamente nas questões que pretendia levantar a reflexão metalinguística realizada por MA.

Aquilo que se evidencia é que MA não quer pôr em discussão no imediato o sistema da Língua Portuguesa. De fato, ele pretende só afirmar a realidade pluricêntrica, ou, melhor, bicêntrica do português (existência de uma variedade brasileira usada nas interações orais quotidianas pela quase totalidade dos brasileiros ao lado do português padrão), tanto por falta de meios e competência em âmbito linguístico, quanto porque, como evidenciamos antes, os tempos ainda não estavam maduros para esse tipo de reflexão.

Aquilo que lhe interessa no imediato é que a fala brasileira fosse considerada uma variedade oral legítima à qual devia se reconhecer o status de variedade literária. *A Gramatiquinha* continuava, *grosso modo*, a reação modernista ao status quo em que se encontrava o espaço discursivo brasileiro, onde vigorava sobretudo na modalidade escrita da língua, ficcional e não ficcional, a variedade padrão do português europeu (de agora em diante PE).

MA ilustrou claramente a situação de diglossia⁴ presente na realidade linguística brasileira do século XX em que à variedade standard, que tinha o PE como modelo, se contrapunham as variedades do PB falado (cultas urbanas e populares).

O português comum é ~~um~~ ~~hor~~
incontestavelmente mais esti-
lista que o brasileiro comum.
As suas cartas são mais bem
escritas, isto é, tem as ideas
exprimidas com maior clare-

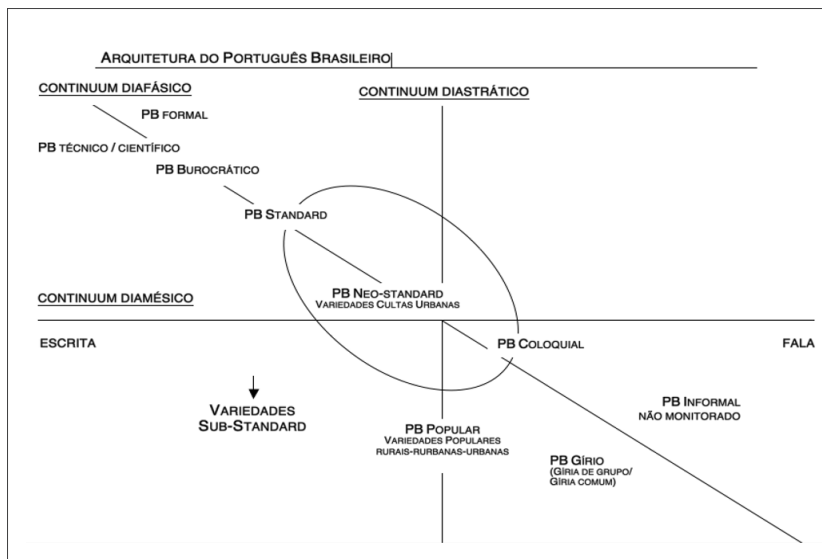
4. Esse termo foi utilizado em 1885 por Jean Psichari para identificar o emprego de duas variedades de grego com funções distintas, mas sua difusão deve-se principalmente a Ferguson, que usou esse termo em 1959, para identificar uma específica forma de bilinguismo em que duas línguas se encontram numa relação hierárquica e complementar. Cfr. Ferguson (2000).



za e rapidez. Será que o português é mais inteligente ou mais artista que o brasileiro? É ridículo pensar isso. O que se dá é que o português comum quando escreve, escreve o que aprendeu nas **escola** gramáticas e que êle fala todo o dia enquanto o brasileiro se vê obrigado a **esta** abandonar o que fala todo o dia pra se lembrar das regras da gramática que mecanicamente aprendeu na escola e de que pouco se utilizou. O brasileiro pra escrever larga do chapelão, e da bota
 prace-
 ou do simples paletó **prace**
 ano
 no e enverga fraque ditatico. O português **costuma** escreve como está, manga arregaçada e chinelo, sem meia. Resultado: está a seu gosto, mexe-se bem. O brasileiro, coitado! nem pode sentar porque amassa o rabo do fraque.

Essa situação perpetua-se ainda hoje com a contraposição entre uma variedade de prestígio manifesto, o PB standard, e uma variedade de prestígio oculto, o PB neo-standard, o autêntico padrão contemporâneo (De Rosa 2011a, 2011b). No que diz respeito à diglossia brasileira, Tarallo (1993, p. 70) evidenciou que o fato de a gramática normativa brasileira ter sido ditada pela tradição portuguesa tornou “o vácuo entre língua oral e escrita muito mais profundo no Brasil do que em Portugal”.

Esses pontos de atrito são tangíveis também em modalidades escritas monitoradas da língua, nas quais se registra um *continuum* fala/escrita, no eixo de variação diamésica, em que também “lo scritto tipico tende ad accogliere come normali tratti sinora peculiari del parlato” (Berruto 1987, p. 55).

Figura 2 Arquitetura do PB (De Rosa, 2011a)

Todavia, superando a rigidez da dicotomia fala/escrita e analisando o modelo do PB, poder-se-á determinar que as variedades cultas urbanas brasileiras (PB neo-standard), pela maior permeabilidade e proximidade com as variedades sub-standard, devem ser colocadas, ao longo dos eixos de variação diafásica e diastrática, numa posição mais em baixo à da norma-padrão, enquanto, no eixo diamésico, registra-se um alargamento do seu raio de ação e um deslocamento da sua posição em direção do polo da fala (Figura 2).

4. Características morfológicas e sintáticas da fala brasileira ilustradas na *Gramatiquinha*

Apesar de afirmar a própria sensação de inadequação em âmbito linguístico, MA conseguiu identificar uma série de traços morfológicos e sintáticos que ainda hoje são questionados dentro da pesquisa linguística do PB.

Como dissemos, o fenômeno sintático que se tornou o símbolo da revolução modernista em âmbito linguístico é a colocação proclítica dos clíticos em frases com verbos no tempo finito sem proclizadores, na linha também daquilo que José de Alencar (1960, pp. 939-961) tinha já evidenciado em “Questão filológica”.



Na reflexão metalinguística de Alencar e de MA, a colocação do clítico em posição proclítica ao verbo lexicalmente pleno, tanto nos tempos simples, quanto nos tempos compostos e nas perífrases, invalidando a função dos proclizadores, é considerada um dos elementos que mais caracteriza e diferencia o PB do PE.

Além da gramática dos clíticos, nas anotações à margem do índice, MA analisa outros fenômenos linguísticos, o primeiro é a concordância variável. De fato, ele procura pontos em comum entre o PB e o francês, através das reflexões de Albert Dauzat em *La philosophie du langage* (1924) em relação à possibilidade de se realizar de maneira consciente a concordância variável.

Todavia, se é fácil encontrar provas que testemunham na escrita de Alencar e MA a estratégia “brasileira” da colocação dos clíticos, é bem mais difícil encontrar um uso “consciente” da concordância variável no sintagma nominal (o portador da marca do plural pode ser o determinante e/ou os elementos que precedem o núcleo do sintagma, ex: “mon ami/mes amis[Ø] - meu amigo/meus amigoØ”, ou pode ser o núcleo mesmo, nos casos em que está mais à esquerda na construção: ex. “meninos inteligente acorda cedo”) e da concordância variável sujeito/verbo ou sujeito/predicativo, independentemente do status do falante⁵.

f) nas regiões onde persiste o “tu” segunda pessoa do singular, determinar a flexão verbal que acompanha “tu vais” ou “tu vai”; mes idêntica observação mesmo entre pessoas cultas, em linguagem desleixadamente espontânea.

O último fenômeno que vamos analisar é o apagamento dos clíticos nas construções verbo-pronominais reflexivas e pseudorreflexivas. Fenômeno ao qual MA dedicou algumas interessantes considerações na caderneta:

5. “Para os elementos nominais que não exercem a função de núcleo dos sintagmas nominais, o que importa é a sua posição em relação ao núcleo. Elementos não nucleares à esquerda do núcleo favorecem marcas explícitas; elementos não nucleares à direita do nome desfavorecem-nas. Os núcleos, por sua vez, favorecem mais marcas explícitas se ocuparem a primeira posição na cadeia sintagmática, ou seja, se estiverem linearmente mais à esquerda na construção” (Scherre e Naro, 1998, p. 515).



c) exclusão do pronome nos verbos *refle* pronominais ('sente" por "sente-se', "canséi muito na viagem" por "me cansei-me" etc)

A tendencia pra eliminar os pronomes dos verbos pronominais. Ex. a que horas você levanta, heim? – Ir embora.

Vá embora!

E, conforme quanto escreve Pimentel (1990, p. 165), MA fala desse assunto também nas anotações à margem do seu exemplar da *Grammatica Secundaria* de Said Ali, na p. 139, junto ao tópico *Vozes*.

A influência de Said Ali pode ser vista no uso da definição de Voz Média em lugar de verbos pronominais.

“Os verbos na voz média são os que determinam uma ação refletida sofrida pelo próprio sujeito. Em geral é usado com o pronome reflexivo e isto é uma regra absoluta no português gramatical. No Brasil não. Tem uma tendência muito forte que transparece mesmo na conversa de pessoas cultas pra eliminar quanto possível esse pronome reflexivo: Atreva[Ø] a me dar uma boquinha pra ver o que sucede! Você queixa[Ø] de eu não ir na sua casa, não posso, filha! É uma norma excelente de síntese desde que não tenha confusão possível. Mesmo os verbos que em português são rigorosamente pronominais que nem os dos exemplos dados deixam esse rigorismo em brasileiro. Quanto ao outros! ...É a toda hora: Sentamos[Ø] na gangorota, Maricota afogou[Ø] com estinha [sic, por espinha] de peixe. Desta vez Graça Aranha zangou[Ø] de verdade”.



Nas anotações de MA sobressai um elemento comum a todas as reflexões, isto é, a reivindicação de “status” na língua literária para toda uma série de traços fonéticos, morfológicos, sintáticos e semânticos através da sua acolhida na gramática.

Se MA tivesse apresentado a sua *Gramatiquinha* como uma verdadeira gramática (da fala) brasileira, codificando, de fato, uma variedade brasileira neo-standard, sem estilização literária, ele teria encontrado críticas muito duras.

Portanto, podemos considerar essa fachada pseudo-ficcional como uma estratégia de MA para evitar o preconceito linguístico e para dar status literário a toda uma série de traços orais do PB.

Esses traços foram considerados necessariamente como traços estilísticos por MA e pelos modernistas, esquivando habilmente a oposição do prescritivismo imperante. Todavia, sendo numerosos e sendo empregues transversalmente por toda a população, acabaram por fazer sistema.

Considerações Conclusivas

À luz de quanto dissemos, podemos ressaltar que a revolução linguística dos modernistas liderada por MA não teve nada de ficcional e afirmar, citando as palavras de Leite (1999, p. 169), que “muitos dos usos linguísticos colocados em letra de forma, nos textos literários (e até mesmo em artigos, como foi o caso de MA), na época completamente inaceitáveis na língua literária, combatidos por gramáticos e usuários afeitos à norma europeizante, venceram as resistências e encontraram espaço na linguagem culta oral e escrita do Brasil”.

Enfim, sobre essa questão, podemos concluir nossas considerações com as palavras de MA, que, falando do PE e do PB, faz uma previsão relevante:

Será total a diferenciação entre brasileiro e português (linguas) Total não pode ~~haver~~ ter sendo falas do mesmo berço comum. Quando muito talvez daqui a seculo como entre português e espanhol. Não é razão pra que não Principiemos



Entretanto, mais do que uma previsão de vidente, as palavras de MA refletem uma situação de distanciamento entre PE e PB, que a sensibilidade linguística andradiana e suas intuições tinham já evidenciado e que hoje em dia está se concretizando em uma realidade bicêntrica em que PE e PB apresentam variedades neo-standard (variedades cultas urbanas) e gramáticas de uso ainda inteligíveis, mas profundamente distantes.

Referências

- Albonico, A. (1997). La prosa no ficcional en Hispanoamérica. Algunas propuestas para su sistematización. *Studi di letteratura ispano-americana*, n° 28-29, 59-78.
- Andrade, M. de (2022). *A gramatiquinha da fala brasileira*. Fundação Alexandre de Gusmão.
- Alencar, J. de (1960). Questão filológica. José de Alencar. In *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar. v. 4., 939-961.
- Ali, M. S. (s.d.). *Grammatica Secundaria*. Rio de Janeiro: Melhoramentos.
- Almeida, A. N. de (2013). *Edição genética d'A gramatiquinha da fala brasileira de Mário de Andrade*. Tese de Mestrado. São Paulo
- Almeida, A. N. de (2022). *Mário de Andrade e o arquivo da fala brasileira*. In M. de Andrade, *A gramatiquinha da fala brasileira*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 17-32.
- Berruto, G. (1987). *Sociolinguistica dell'italiano contemporaneo*. Roma: La Nuova Italia Scientifica.
- Cunha, C. e Cintra, L.F.L. (1985). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- De Rosa, G. L. (2011a). Reflexos do processo de restandardização do PB no falado fílmico brasileiro contemporâneo. In A. Soares da Silva, A. Torres e M. Gonçalves (Orgs.). *Línguas Pluricêntricas: Variação Linguística e Dimensões Sociocognitivas / Pluricentric Languages: Linguistic Variation and Sociocognitive Dimensions*. Braga: Aletheia, Publicações da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, 377-392.
- De Rosa, G. L. (2011b). Le varietà popolari del portoghese brasiliano tra norma occulta, varietà colte urbane e stigmatizzazione. In G. de Marchis (a cura di). *Lusoglosse*. Roma: La Nuova Frontiera, 151-169.



- Duarte, M.E.L. (Ed.) (2012). *O sujeito em peças de teatro (1833-1922). Estudos diacrônicos*. São Paulo: Parábola.
- Duarte, M.E.L. (2020). *A sintaxe do português do Brasil: entre a fala e escrita padrão*. In S. Netto Salomão (Org.). *Temas da Língua Portuguesa: do pluricentrismo à didática*. Roma: Edizioni Nuona Cutura, 131-152.
- Duarte, M.E.L., Gomes, C.A. e Paiva, M.C.A. (2018). The implementation of endogenous syntactic features in Brazilian standard writing. In R. Murh e B. Meisnitzer (Orgs.). *Pluricentric Languages and Non-Dominant Varieties Worldwide: New Pluricentric Languages - Old Problemas*. Berlin: Peter Lang, 429-442.
- Duarte, M.E.L., Gomes, C.A. e Paiva, M.C.A. (2022). Beyond the dichotomy Dominant and Non-Dominant varieties of Pluricentric Languages: the case of Brazilian Portuguese. In R. Muhr, E. Duarte, C. Rodrigues e J. Thomas. (Orgs.). *Pluricentric Languages in the Americas*. Berlin: CPL Press, v. 1, 157-172.
- Duarte, M.E.L. e Serra, C. R. (2015). Gramática(s), ensino de português e adequação linguística. *Matraga*, v. 22, 31-55.
- Faraco, C.A. (2008). *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola.
- Ferguson, C. A. (2000). La diglossia. In P.P. Giglioli e G. Fele (a cura di). *Linguaggio e contesto sociale*. Bologna: il Mulino.
- Leite, M.Q. (1999). *Metalinguagem e Discurso - A Configuração do Purismo Brasileiro*. São Paulo: Humanitas Publicações.
- Pagotto, E.G. (1998). Norma e condescendência: ciência e pureza. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*. Campinas: Pontes. n. 2, 49-68
- Paredes Silva, V. L. (2003). O retorno do pronome tu à fala carioca. In C. Roncarati e J. Abraçado (orgs.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 160-169
- Pinto, E. P. (org.) (1990). *A gramatiquinha de Mário de Andrade: texto e contexto*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1990.
- Sabatini, F. (2017). *Lezione di italiano. Grammatica, storia, buon uso*. Milano: Mondadori.
- Sabatini, F. (1999). Rigidità-esplicitzza vs elasticità-implicitzza: possibili parametri massimi per una tipologia dei testi. In G. Skytte e F. Sabatini (a c. di). *Linguistica testuale comparativa. In memoriam Maria-Elisabeth Conte. Atti del Congresso interannuale della Società di Linguistica Italiana* (Copenhagen, 5-7 febbraio 1998). Copenhagen: Museum Tusulanum Press. 141-172.



- Scherre, M.M. e Naro A.J. (1998). Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In G. Ruffino (org.) *Dialettologia, geolinguística, sociolinguística*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, pp. 509-523.
- Sobrero, A.A. (2006). Lingue Speciali. In A.A. Sobrero (Ed.), *Introduzione all'italiano contemporaneo. La variazione e gli usi*. Vol. 2. Roma-Bari: Laterza. 237-277.
- Tarallo, F. (1993). Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. In I. Roberts e M.A. Kato (Eds.). *Português brasileiro. Uma viagem diacrônica. Homenagem a Fernando Tarallo*. Campinas: Editora Unicamp. 69-105.